

Hoje passei o dia sozinha, em casa, vivendo simultaneamente momentos de luto e de celebração. O fechamento – provisório - de um longo ciclo de autodescoberta e empoderamento, talvez. Há tempos eu venho buscando entrar em contato com quem eu realmente sou, depois de longos anos sendo quem eu achava que deveria ser (já contei esta história algumas vezes). Muitas vezes, a potência de quem eu realmente sou me assustou. Afinal, meu condicionamento social dizia que eu tinha que ser modesta, que nada do que eu fazia/sabia tinha importância, que eu deveria me recolher à minha insignificância como mulher e me contentar em formar minha família e criar meus filhos, e me achar muito sortuda por ter conseguido isto (que me faz muito feliz, mas que, definitivamente, não veio por sorte, mas por escolha). Vinte e um anos da minha vida eu passei dançando, mas me achava desajeitada e incapaz, porque meu corpo não se adequava às normas. Praticamente a vida toda estudando música: violão, piano, flauta, canto, mas acreditando que eu jamais conseguiria aprender a tocar ou cantar dentro dos meus próprios parâmetros impossíveis, originados num perfeccionismo cruel. Pintando desde os seis anos de idade, fazendo várias formas de arte a partir daí, e nunca valorizando estas minhas habilidades que, afinal de contas, são coisas que fazem parte da vida. Sempre valorizei muito mais as aptidões intelectuais (que eu, afortunadamente, também possuo), mas nunca as valorizei em mim. Os outros sempre eram melhores, mais inteligentes, mais articulados e capazes. Foi a consciência de tanto tempo perdido negando o meu eu mais autêntico para me encaixar em padrões externos que me levou a viver o luto que vivo hoje. Porém, há muito a celebrar. Tudo isto que antes eu desconsiderava em mim virou potência. Tenho passado por experiências poderosas de cura e empoderamento, e estar em Findhorn para o programa Being in Community foi uma delas.